

O dissonante e o demoníaco: a insuficiência do negativo na teoria erótica e estética de Marcuse

Verlaine Freitas

A obra de Freud é bastante vasta, contém diversos conceitos que se modificaram no desenvolvimento da teoria, indo desde as primeiras formulações sobre a histeria junto com Breuer, passando pelo período posterior ao da *Interpretação dos sonhos*, até chegar à segunda tópica, a partir de 1920. Qualquer interpretação que se pretenda rigorosa deverá prestar atenção às transformações internas que os conceitos tiveram. O simples fato de ser posterior no conjunto de suas formulações não pode garantir em nada que seja melhor, ou mais válido. Apenas como termo de comparação: se alguém, estudando a dedução dos conceitos puros do entendimento em Kant, enfocasse apenas a segunda edição da primeira *Crítica* e ignorasse totalmente a que a antecedeu, poderia ser taxado de arbitrário, pois qual critério serviu à escolha? — Esse já é um dos grandes problemas da leitura filosófica que Marcuse faz da teoria psicanalítica de Freud. Ele recusa totalmente a concepção de conflito psíquico da primeira tópica, apoiando-se apenas na segunda, sem procurar perceber como a mutação dos conceitos freudianos ilumina seus próprios conteúdos.

Além de o fato de ser posterior no desenvolvimento da teoria não garantir sua maior validade, podemos dizer, junto com Laplanche, que a segunda tópica da teoria freudiana demonstra, na verdade, uma espécie de recuo de Freud em relação a suas formulações mais ousadas sobre o caráter violento da sexualidade humana, dissolvendo-o, por assim dizer, em princípios por demais biológicos e até cosmológicos, como os de eros e pulsão de morte. Esse movimento de aproximação e recuo na teoria perante o sexual reflete um existente na própria dinâmica psíquica, em que cada indivíduo se defronta inicialmente com sua sexualidade, tendo que recalca-la em função de sua estabilidade psíquica.

Além de estudar a segunda tópica de forma isolada, Marcuse ignorou sistematicamente dois dos principais conceitos na teoria da constituição do aparelho psíquico: os de recalque [*Verdrängung*, em alemão] e de inconsciente. Em vez do primeiro, o que se usa incessantemente é o de repressão [*repression*, que corresponderia melhor ao alemão *Unterdrückung*], ao passo que do segundo só restou a própria palavra, sem que se lhe associem todos os conteúdos teóricos presentes mesmo ainda nos escritos finais de Freud, como *Moisés e o monoteísmo*. "Repressão" é um termo usado em psicanálise, entre outros aspectos, para qualificar uma atitude consciente em relação a determinados desejos, podendo ser exercida de uma pessoa em relação a outra ou dela em relação a si mesma. O recalque, por outro lado, é sempre inconsciente, diz respeito ao modo como o ego é levado a rejeitar violentamente investimentos afetivos ligados a determinadas representações psíquicas cujo sentido ele desconhece. É como se o ego tentasse escapar de uma ameaça que ele não sabe propriamente de onde vem. Na primeira infância, quando o ego ainda está em processo de formação, toda e qualquer excitação corporal, se chega a um determinado grau, é vivida como ameaçadora, violenta. Todo esse período deverá ser atravessado de forma a constituir a unidade do eu através do soterramento das fantasias associadas a este oceano

conturbado de excitações nas profundezas do inconsciente. À medida que o aparelho psíquico se cinde entre o âmbito consciente/pré-consciente e o inconsciente, passaremos a ter uma luta eterna entre o complexo fantasístico recalcado e a censura inconsciente, gerando formas de contato com a realidade que chamamos de soluções de compromisso, constituídas por tentativas de compatibilizar a energia dilacerante das fantasias sexuais e a exigência de unidade do ego. O que caracteriza a individualidade dos desejos de cada pessoa é a forma com que ela lida com essas fantasias, gerando formas que variam infinitamente entre os indivíduos. O que é tão sedutoramente desejado e que por isso mesmo é abjeto e passível de ser recalcado para uma pessoa pode não o ser para outra, e são exatamente essas infundáveis diferenças que estão na base do desejo psicanalítico de estudar cada ser humano, de modo a lhe restituir a possibilidade de lidar com seus próprios desejos.

O que chamamos de libido, então, é sempre o resultado altamente individualizado de conformar a energia pulsional em determinadas fantasias, resultantes precisamente dessa tensão ineliminável entre a excitação corporal, proveniente do contato sedutor com o adulto na primeira infância, e as forças ligadas à inteireza do ego, que Freud chama de narcisistas, precisamente porque indicam um investimento libidinal nesse objeto específico que é o ego. Ao usar apenas o termo "repressão", Marcuse também contrapõe-lhe um princípio bastante indiferenciado que é o de eros. É interessante notar como este impulso é sempre falado, em *Eros e civilização*, como presente em todos os seres humanos, tal como se fosse uma espécie de força, que é mais ou menos intensamente reprimida, mais ou menos canalizada em termos de genitalidade ou de dispersão corporal, e que recebe um tempo maior ou menor de satisfação (dependendo do tempo livre, isto é, sem trabalho). Em vez da distinção qualitativa dos desejos, dada precisamente pela configuração da fantasia inconsciente recalcada, tem-se em Marcuse uma determinação quase que exclusivamente quantitativa da repressão a ser exercida nessa força indiferenciada que é eros: grau de repressão, de canalização genital e de restrição temporal. O próprio conceito de mais-repressão é um índice claro disso. É interessante notar que nesse livro de 1955 a palavra "fantasia" não é empregada nenhuma vez para qualificar desejos específicos — coisa que a psicanálise faz sistematicamente —, mas tão-somente uma faculdade supostamente livre tanto da sensibilidade, quanto da razão.

Mas não existe apenas eros. A segunda tópica de Freud o contrapõe à pulsão de morte, associada à compulsão à repetição e à tendência de levar todo o organismo ao estado inorgânico. Laplanche mostra com especial clareza¹ o quanto todas as características destrutivas e ameaçadoras, por assim dizer demoníacas, dessa pulsão eram atribuídas na primeira tópica à própria sexualidade. Nesses escritos, até 1920, a dualidade entre mecanismos recalcantes e os conteúdos recalcados era vinculada a duas formas de satisfação da própria libido. Os primeiros se associavam ao investimento narcísico do ego, que, necessitando a todo custo manter sua unidade, se protegia de uma energia sexual desligada, quer dizer, flutuante, que não encontra uma ligação estável com nenhum objeto, uma vez que qualquer um ativa, ao mesmo tempo, as censuras inconscientes de forma violenta, pois é visto como uma espécie de ameaça de morte para o aparelho psíquico — vale dizer que o ego se sente como que afogando em sua própria libido desgovernada. A idéia de Marcuse de uma auto sublimação da sexualidade em eros significa, na verdade, uma espécie de purificação da libido de seu caráter terrível, perigoso, para o

próprio ego, deslocando-o para um outro princípio, tomado igualmente de forma nada individualizada, que é a pulsão de morte. De acordo com esse desenvolvimento, fica clara uma idéia de Laplanche de que a contraposição de eros a uma instância repressora como a sociedade realiza de fato uma inversão dos elementos recalcentes e recalçados². Tudo aquilo que Marcuse fala sobre eros, aproveitando-se das idéias de Freud, relativas à estabilização, ao processo de formação de vínculos cada vez maiores, de unidades entre representações e pessoas, refere-se propriamente às instâncias responsáveis pelo recalque, ao passo que a pulsão de morte congregou, por assim dizer, aquilo que faz com que a sexualidade infantil tenha que ser mantida nos subterrâneos do aparelho psíquico, dada sua incompatibilidade com a existência psíquica e social.

Dissemos acima que a palavra "fantasia" não é empregada em nenhum momento para qualificar a conformação do desejo individual. Ela é empregada apenas relativa à imaginação, a nossa capacidade de associar de modo livre, lúdico, diversas imagens e representações mentais em geral. Entretanto, se levamos a sério o conceito de inconsciente como mola propulsora fundamental de todos os conteúdos psíquicos, então vemos que essa faculdade não é tão livre assim. Toda a atividade imaginária consciente é devedora de investimentos inconscientes fixados no processo de recalque. Qualquer experiência clínica de psicanálise, se bem observada, leva facilmente a concluir que qualquer associação, por mais pretensamente livre que seja, acaba demonstrando uma conexão possuidora de um vínculo de necessidade não percebido pelo próprio sujeito. Uma das tarefas – ou talvez "a" tarefa – do analista consiste precisamente em ajudar no processo de elaboração consciente desse caráter necessário no vínculo entre as associações.

Essa não-liberdade da imaginação deve ser levada bastante a sério. Seu significado, entretanto, foi completamente ignorado por Marcuse. O que está em jogo é por assim dizer o que dá sentido a toda teoria psicanalítica: a constatação feita por Freud, desde seus primeiros escritos até suas últimas publicações, de que os desejos inconscientes tanto mais aprisionam o indivíduo em atos, imagens, sentimentos, idéias e processos somáticos, quanto menos são compreendidos. Dito de modo bastante enfático, os desejos inconscientes são "a" fonte por excelência de aprisionamento dos seres humanos. Arrisco a dizer que, dentro dos limites tanto de capacidade intelectual quanto corporal de interferir na realidade, toda e qualquer impotência perante o conluio de forças sociais opressoras provém da força escravizante das fantasias recalçadas, que impedem o exercício de nossa liberdade. Dos inúmeros casos que poderiam ser citados, um me parece bastante claro e conhecido. Todo e qualquer vício demonstra uma dependência em relação a um determinado objeto, e quando se trata do cigarro, por exemplo, vemos muitas vezes que o indivíduo se esforça conscientemente para se livrar dele, mas sistematicamente fracassa, tendo que recorrer a diversos métodos às vezes desesperados. Prestemos atenção ao que acontece aí. Toda a rede de idéias e de conceitos que a pessoa tem foram suficientes para lhe dizer que fumar é prejudicial e não contém nada de bom que compensasse os danos causados à saúde, tanto física quanto social. Interessantemente, porém, um desejo o move com uma força absolutamente irresistível, e se não for realizado pode levar a um grau de angústia que ocasione um transtorno psíquico catastrófico. A ausência prolongada do cigarro para o viciado mostra exatamente aquilo que ele quer evitar: o fluxo de libido transbordante, próximo àquela imagem que falei acima de afogamento do ego.

Aqui entra em cena um conceito que não apenas Marcuse, mas também Adorno não compreendeu da teoria psicanalítica. É preciso dizer, por outro lado, que mesmo dentre os teóricos ligados à Freud, incluindo o próprio, nunca houve um esforço sistemático para delineá-lo com clareza. Trata-se do princípio de realidade, que se associa ao de prazer. Em relação ao primeiro, Laplanche diz que "como certo número de peças do aparelho conceitual freudiano, o princípio de realidade é mais freqüentemente invocado por Freud quando se trata de teorização geral do que verdadeiramente utilizado para dar um modelo concreto do conflito psíquico". Para o autor francês, esse é um conceito abstrato, tratado de modo genérico pelos psicanalistas, uma vez que ele dificilmente pode ser considerado como motivação central para o recalçamento. Mas qual é, afinal de contas, a distinção entre esses dois princípios do funcionamento psíquico?

No texto de Freud que leva esse título, o princípio de realidade é dito como uma espécie de modificação do princípio de prazer. Inicialmente, o bebê satisfaria diversos desejos de forma alucinatória, fantasiando a presença do objeto desejado. Com a crescente percepção da falta dos objetos reais, os sentidos deixariam de ter ligação apenas com o prazer e desprazer para dar origem à atenção, ponto de partida para a memória, a capacidade de julgar e portanto para agir em função do processo do pensamento. Aos poucos a criança deixa de reagir apenas ao que é prazeroso ou não e passa a se aperceber do grau de realidade das coisas, mesmo que contrariando seus desejos. Freud diz explicitamente, e isso é enfatizado por Laplanche em sua crítica a Marcuse, que o princípio de realidade diz respeito às pulsões de autoconservação, às formas de sensação, juízo e motilidade, ao passo que as pulsões sexuais jamais se conformam a ele.

Eu creio que essa expressão "princípio de realidade" deve ser aplicada não especificamente às pulsões, como é normalmente feito na esteira de Freud, mas a uma propriedade geral do psiquismo de equacionar a ligação da libido com a realidade exterior. Não é que as pulsões obedeçam ou não a um ou a outro princípio, mas sim que todo o aparelho possa a se regular por um deles. Ao contrário de Laplanche, não creio que o princípio de realidade seja motivador do recalçamento, nem sequer de forma periférica. Eu creio que a capacidade de relacionar-se com o mundo a partir deste princípio é o resultado do sucesso do recalçamento, ao impedir que pautemos nossas ações de tal forma a impor à realidade uma ligação fantasística com os desejos inconscientes. Se a criança é capaz de princípio de realidade, isso significaria que o soterramento das fantasias sexuais no inconsciente já é minimamente bem estabelecido. Isso já prenuncia uma idéia que tenho elaborado há algum tempo, que é a de que toda a validade desse conceito é sempre e exclusivamente uma determinação negativa em relação ao constrangimento das fantasias recalçadas. Se ele pretende alguma determinação positiva do que seja essa realidade, então necessariamente fracassa. Desse ponto de vista que advogo, ser capaz de princípio de realidade significa simplesmente ter liberdade perante a força violenta dos próprios desejos, e não que se deva aceitar que a realidade continue a ser aquilo que ela é. Essa segunda interpretação, entretanto, é bastante comum, principalmente por parte da escola de Frankfurt.

Marcuse, Adorno e a Teoria Crítica em geral sempre rejeitaram a idéia de normalidade que Freud advogava como meta da terapia psicanalítica. É bem verdade que este se exprimiu de modo a favorecer

uma interpretação inadequada. Em várias ocasiões ele diz da normalidade como a condição daquele que pode se adaptar ao real. Isso levou os frankfurtianos a dizer que tal conceito significaria que o normal seria, na psicanálise, patológico, uma vez que a própria realidade social o é. Fica muito claro que a idéia de princípio de realidade, na interpretação deles, diz respeito ao fato de que a psicanálise pensaria que é necessário que as pessoas aceitem a realidade que é mostrada socialmente, para deixar de ser um desajustado em relação a ela, passando então a ser uma espécie de conformado à situação vigente. O grau extremo dessa elaboração é o famoso princípio de desempenho dito por Marcuse como sendo uma das formas de princípio de realidade ditas repressoras. Segundo eu penso, nada mais equivocado. Vejamos por quê.

Inicialmente, a própria expressão "princípio de desempenho" não deveria caracterizar, por si, algo ruim, pois a idéia de que as ações e mecanismos criados pelos homens tenham que render resultados em um grau minimamente satisfatório me parece mais do que razoável. Eu creio que é evidente que o que Marcuse critica é a hipóstase deste princípio, facilmente percebida na exigência alucinada de produtividade a todo custo na racionalidade instrumental capitalista. Por mais estranho que possa parecer, eu digo enfaticamente que este princípio de desempenho não é uma forma de princípio de realidade, mas sim expressão indubitável do princípio de prazer. A dificuldade maior em perceber essa ligação entre o princípio de desempenho capitalista e o de prazer está já na própria formulação desse último. No alemão, trata-se de *Lustprinzip*. É preciso atentar para uma importantíssima ambigüidade da palavra *Lust*, que pode significar tanto desejo *de* fazer alguma coisa, quanto prazer *com* alguma coisa. No primeiro caso, trata-se de *Lust zu...*, e no segundo, *Lust an...* As formulações do próprio Freud com essa expressão, e mais ainda em todas as traduções, focalizam apenas a segunda conotação, ao passo que me parece claro que essa expressão na verdade deveria ser lida como princípio de desejo e não de prazer. A rigor, poderíamos falar de um princípio da pura aspiração, do puro impulso desiderativo, pulsional, que se cristaliza na ligação com uma fantasia, o que o configura como desejo propriamente dito, chegando até o momento de realização desse desejo, quando dizemos então (possivelmente) de prazer⁴. Eu creio que a idéia de *Lustprinzip* deve se situar entre o primeiro e o segundo momentos. A dificuldade em se chegar a essa formulação é explicada, entre outras coisas, por uma idéia de Freud, expressa entre outros no texto "A perda de realidade na neurose e na psicose". Ao falar da perda de senso de realidade na neurose, ele toma como único modelo a negação histérica de se relacionar com a realidade, e se esquece da compulsão dos atos obsessivos. Ele diz:

A neurose não nega a realidade, ela apenas não quer saber nada dela; a psicose a nega e procura substituí-la. Normal ou "saudável" chamamos a um comportamento que reúne determinados traços de ambas reações, que tão pouco nega a realidade tal como a neurose, mas se esforça por modificá-la como a psicose. Esse comportamento finalístico, normal, leva naturalmente a uma realização de trabalho externo no mundo exterior e não se contenta, como na psicose, com a produção de modificações internas; ela não é mais autoplástica, mas aloplástica. (GW XIII, 365)

É muito evidente que há casos de recusa histérica ao se relacionar com a realidade, na medida em que a pressão da fantasia é de tal ordem e adquire tal forma que a resposta pode consistir, por exemplo, no

desmaio, na paralisia motora, na enxaqueca etc. Entretanto, qualquer atividade clínica na psicanálise fornece abundantes exemplos de *workaholics*, de viciados no trabalho, cujo comportamento demonstra uma reação desesperada a um desejo inconsciente radicalmente não compreendido. Ora, esse *workaholic* pode ser dito como guiado por princípio de realidade? Aplicando a idéia da passagem citada acima, creio que seríamos forçados a dizer que sim, ao passo que o mínimo bom senso nos diz que não. Na verdade, essa atitude obsessiva em relação aos valores e à própria atividade do trabalho demonstra claramente a tentativa compulsória de responder a uma exigência pulsional extremamente forte, impossível de ser negada pelo ego. Essa atitude está, então, sob a égide do *Lustsprinzip*, do princípio do desejo, que busca um prazer de forma obsessiva, ou seja, a pessoa não tem liberdade em relação a suas fantasias. Se podemos dizer que o princípio do desempenho é uma hipóstase da relação dos meios em detrimento dos fins, tal como a se anuncia já na idéia de uma racionalidade instrumental, logo podemos dizer que ele é uma expressão coletiva de uma forma obsessiva de se relacionar com os valores gerados pelo trabalho.

Em relação a um paciente *workaholic*, a terapia psicanalítica consistiria em dar a ele a liberdade perante seus próprios desejos, propiciando-lhe a oportunidade de avaliar o trabalho de forma mais racional, sensata, e não compulsiva. A tarefa da psicanálise, para ser bem realizada, não necessita de configurar positivamente o que seja o real, para então considerar saudáveis aqueles que simplesmente o aceitam, mas sim fornecer a cada um a possibilidade de se assenhorar do sentido incrustado em seus desejos. Uma última palavra em relação à leitura dos filósofos da escola de Frankfurt em relação a esse tópico. Eu creio que eles confundiram a situação neurótica de estar *aquém* da realidade e a imaginada pelo filósofo crítico de se situar *além* dela. Em ambos os casos existe um desajuste do indivíduo em relação à realidade, mas por motivos radicalmente distintos. No primeiro caso, a compulsão dos desejos impede sequer que a pessoa seja capaz de avaliar de modo sensato suas ações e objetos de desejo, gerando vícios, inervações somáticas, atos obsessivos etc., ao passo que a outra situação é a de quem supostamente alcançou uma liberdade satisfatória em relação a seus desejos, sendo então livre para decidir se quer ou não transformar a realidade de acordo com seu senso crítico do quanto a realidade social deve ser modificada. O primeiro não se ajusta à sociedade porque não consegue, o segundo, porque não o quer.

Toda essa dimensão aprisionadora, negativa, demoníaca, do desejo inconsciente é simplesmente retirada dela quando Marcuse, seguindo a Freud, delinea o conceito de eros, e transpõe tal negatividade para o âmbito repressor da civilização. O único caráter problemático de eros, do ponto de vista de Marcuse, seria seu exercício a tal ponto polimorfo, através de uma erotização do corpo, que as perversões sexuais colocariam em xeque tanto a possibilidade de um indivíduo viver bem na sociedade quanto a própria unidade coletiva. Eu creio poder ver um paralelo dessa recusa da negatividade do sexual na estética de Marcuse. Em *Eros e civilização*, ele se apropria da idéia de Kant de que o fenômeno estético fornece uma passagem sistemática do âmbito da natureza para a liberdade. A faculdade de julgar é concebida como sendo intermediária entre a passividade do âmbito sensível e a constituição da ação livre na razão prática. É interessante notar que Marcuse não questiona em nenhum momento a idéia de Kant de que a reconciliação entre natureza e liberdade se dá na harmonização entre sensibilidade e razão, experimentada na beleza. O jogo livre entre imaginação e entendimento parece suficiente aos olhos de

Marcuse para encaminhar a discussão para se pensar a harmonia entre os impulsos sensíveis – que ele faz questão de ligar à sensualidade erótica – e os intelectuais. O caráter pretensamente lúdico e livre da imaginação parece garantir, com sua proximidade com o sensível e com a racionalidade, um modo de reconciliação entre esses dois campos. Não nos parece em nada fortuito que nem uma palavra seja dita sobre o sublime, caracterizado precisamente pela experiência de estremecimento, de abalo entre a sensibilidade e razão. Embora Kant diga explicitamente que na beleza, apesar de se tratar de um jogo livre das faculdades, tem-se mais propriamente uma liberalidade em seu uso, e que o sublime, pela violência exercida sobre a imaginação, liga-se propriamente ao âmbito da liberdade, Marcuse prefere ater-se apenas à beleza. Várias passagens da estética de Adorno poderiam ser citadas para demonstrar o quanto sua utopia de reconciliação entre o particular e o universal passa muito mais pela consciência da tensão entre os dois pólos do que por sua harmonização. Já na *Dialética do esclarecimento*, escrita poucos anos depois do influente ensaio de Marcuse "O caráter afirmativo da cultura", lê-se o seguinte:

O momento na obra de arte através do qual ela vai além da realidade é de fato inseparável do estilo; mas tal momento não consiste na harmonia realizada, na unidade duvidosa de forma e conteúdo, interior e exterior, indivíduo e sociedade, mas sim naqueles traços nos quais a discrepância aparece, no fracasso necessário do esforço fervoroso pela identidade.⁵

Tal como diz Wolfgang Iser, toda a filosofia da arte de Adorno é uma estética do sublime, na medida em que enfatiza radicalmente o caráter negativo da utopia, jamais renunciando à exigência de explicitação das contradições como a mola mestra de sua exigência de dar voz ao sofrimento caoticamente sentido na realidade oprimida pelas relações abstratas de troca⁶. Para Adorno, a arte moderna vive sob o ideal do negro, renunciando radicalmente a toda tentativa de falsificar a reconciliação entre o universal e o particular através de uma imagem positiva dela. Marcuse, por sua vez, sempre que fala do caráter negativo da arte, o faz atentando para a recusa de participação das obras na realidade empírica e a às vezes pela representação do feio. O que não é em hipótese alguma enfatizado é a absurdidade, a irracionalidade própria do movimento de constituição da identidade da obra como arte. Isso me parece bastante enfático quando ele recusa de modo veemente a aplicação do conceito de forma estética aos *ready-mades* de Duchamp. Para ele esse gesto dadaísta configura uma espécie de renúncia à constituição do espaço transcendente e supostamente livre do estético. De modo bastante diferente, eu diria até contrário, Adorno torna bastante claro que para a arte permanecer fiel a seu conceito, ela deve negá-lo constantemente. É uma lei de movimento da arte moderna a luta desesperada contra o processo de cristalização, de reificação de suas categorias. Nesse sentido, a atitude radicalmente crítica de Duchamp demonstra exatamente esse movimento de tomada de consciência da arte do quanto a liberdade estética é mediada pela assunção da dissonância e da negatividade em seu próprio interior. A forma estética, ao contrário do que pensa Marcuse, não deveria ser vinculada apenas aos elementos materiais da obra, mas sim a todo o complexo imaginário ocasionado por nossa relação com o objeto. Não apenas nesse gesto revolucionário de Duchamp pode-se perceber que aquele conceito extrapola a dimensão física do artefato, pois o significado estético das pinturas na capela Sistina de Miguel Ângelo, por exemplo, somente pode ser apreendido de modo satisfatoriamente amplo se se considera o contexto religioso – tanto físico quanto cultural – em que as obras se inserem. Esse espaço que gira em torno da

estrutura física, sonora e lingüística das obras possibilita, entre outras coisas, o movimento eternamente questionador da racionalidade operado pela arte, cuja utopia negativa testemunha a impossibilidade de ser alcançada e a necessidade de ser construída.

Notas

- 1 Cf. "A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual".
- 2 Cf. "Marcuse et la psychanalyse", p.69.
- 3 "Marcuse et la psychanalyse", p.73
- 4 O parênteses está aí para indicar que o contato com o objeto de desejo não traz necessariamente prazer. Pode ocasionar um gozo indiscernível para o sujeito, que o vivencia de forma consciente como angústia, sofrimento, paralisia etc., uma vez que sua censura inconsciente não tolera a realização fantasmática nos moldes em que se dá. Essa é uma idéia básica presente na primeira tópic freudiana: todo sintoma é realização de um desejo inconsciente.
- 5 *Dialektik der Aufklärung*, p.152.
- 6 Cf. "Adornos Ästhetik: eine implizite Ästhetik des Erhabenen".

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. "Die revidierte Psychoanalyse". In: *Soziologische Schriften I. Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972, pp.20-41.
- _____. *Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda*. In: *Soziologische Schriften I. Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- _____. "Tesen über Bedürfnisse". In: *Werke*, vol. *Soziologische Schriften II. Gesammelte Werke*, vol. 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- _____. *Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie*. In: *Soziologische Schriften I. Gesammelte Werke*, vol. 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972, pp.42-85.
- ADORNO, Theodor Wisengrund & HORKHEIMER, Max. *Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.
- FREUD, Sigmund. *Das Ich und das Es*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Triebe und Triebchicksal*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Das Unbehagen in der Kultur*. : *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Das Unbewußte*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Die Verdrängung*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- _____. *Zur Einführung des Narzissmus*. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*, vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt, 1982.

- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Batiste. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LAPLANCHE, Jean. "Marcuse et la psychanalyse", "La pulsion et son objet-source. Son destin dans le transfert" e "La pulsion de mort dans la théorie de la pulsion sexuelle". In: *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992, pp.59-88, 227-242 e 273-286.
- _____. *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. *Freud e a sexualidade. O desvio biologizante*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Tradução de Álvaro Cabral. Guanabara Koogan, [s. d.].
- _____. "Das Veralten der Psychoanalyse". In: *Kultur und Gesellschaft 2*. Tradução de Alfred Schmidt. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1966, pp.85-107.
- _____. "Über den affirmativen Charakter der Kultur". In: *Kultur und Gesellschaft 1*. Tradução de Alfred Schmidt. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1965, pp.56-101.
- _____. *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.
- WELSCH, Wolfgang. "Adornos Ästhetik: eine implizite Ästhetik des Erhabenen". In: *Ästhetisches Denken*. Stuttgart: Reclam, 1993, pp.114-156.

verlainefreitas@uol.com.br